

5 Conclusão

A busca pela Verdade histórica pode ser comparada à descrição de Ítaca, na pena kavafiana: “Ítaca deu-te a bela viagem./ sem ela não te porias a caminho./ nada mais tem a dar-te.”¹⁵¹ Por mais que o sonho de saber o que realmente se passou, da certeza da existência de uma Verdade possível de se alcançar, tenha-se dissipado, ele continua a atizar o espírito dos historiadores. A viagem empreendida até Ítaca é a vontade de desbravar os vestígios do passado; é o estímulo de reconstruí-los. Mas bem sabemos que, ao cabo de nossas peregrinações, havemos de nos defrontar com o solo rochoso e pouco fértil dos domínios de Odisseus. “Vão foram os nossos esforços?”, indagam-nos. De forma alguma, responderemos; foi justamente, no correr da viagem, no nosso caso da pesquisa e da reflexão, que fomos enriquecidos. Chegado o final, não havemos de concluir, pois é no acontecer do périplo que aprendemos “sem cessar dos instruídos”¹⁵². Mas isso não nos impede de esboçar os pontos principais de nossa busca por Ítaca. Que dentro desse espírito seja compreendida esta “conclusão”.

Ao refletirmos sobre o diálogo entre a herança da Antiguidade, do Mundo Greco-Romano, e a obra de Kavafis, esperamos ter apresentado dois planos que se inter-relacionam. Primeiramente, o que nos remete, diretamente, à centralidade da herança do Mundo Greco-Romano para o homem e para o poeta, que na obra de Kavafis surge com todo o seu viço e vigor. Em segundo, aquele que nos leva a refletir sobre certa visão da História, que se convencionou chamar de *historia magistreae vitae*, segundo a expressão de Cícero, mas que já se fazia presente em Tucídides, através da palavra *ktema* (κτῆμα).¹⁵³

I) Na poesia de Kavafis a coorte de mitos homéricos, soberanos helenísticos, imperadores romanos e bizantinos, que desfilam diante de nossos olhos, e imprimem as marcas e cores de tempos pretéritos, são tão essenciais como qualquer elemento que possa ser mais caracteristicamente dos domínios da

¹⁵¹ KAVAFIS, Konstandinos: Ítaca (Ιθάκη) in **Poemas de K. Kaváfis**. Tradução de Ísis Borges da Fonseca p.103

¹⁵² KAVAFIS, Konstandinos: Ítaca (Ιθάκη) in **Poemas de K. Kaváfis**. Tradução Ísis Borges da Fonseca. p.101

¹⁵³ Abordamos a ideia de história implícita nessas expressões no terceiro capítulo, na subdivisão intitulada *A História como Paidéia*.

literatura, como a métrica e a escolha das palavras. O cuidado com que o poeta Alexandrino reescreve os textos antigos não pode ser apreendido como a escolha de simples mote, sobre o qual o poeta materializaria sua arte. A matéria histórica está nas vísceras da alma desses poemas Kavafianos. A pequena frase, perdida em Plutarco, ou em um cronista bizantino, permaneceriam difusas no meio das vastas obras: o misterioso tíaso que prenuncia o fim de Marco Antonio; a fuga do rei Demétrio, Cratesicleia que, com magnitude, resigna-se ao seu destino; as contas falsas da coroação dos Imperadores João Catacuzeno e Irene Asán são sagrados ao patamar do que deve ser recordado. Mas também não deve ser lido exclusivamente como a teoria da história, que perpassa o pensamento kavafiano. Os períodos de predileção de Kavafis concernem a sua história identitária. Nunca é demasiado reiterar que, em nenhum momento, pensamos em tratar a obra separada do seu autor e, tampouco assim poderíamos, pois este trabalho insere-se na tradição dos domínios e dos saberes da história. E a relação dos Homens com o tempo em que viveram e com aqueles outros tempos, que os precederam, é matéria primeira do historiador. Kavafis foi um grego da diáspora, que vivera em Alexandria, que mergulhava suas raízes nas gentes do bairro constantinopolitano do Fanar; em suma, envolto em determinadas temporalidades, como qualquer outro Homem. Kavafis viveu em um contexto muito particular, de múltiplas identidades, que conviviam lado a lado. Isso fez com que tentássemos buscar as interseções entre o indivíduo Kavafis, a sua história familiar e a história de seu povo – pelo menos nos esforçamos em interpretar os vestígios da visão que possuía o poeta sobre esses segmentos. Estamos a nos referir ao que o poeta português e tradutor de Kavafis, Jorge de Sena, assim bem sintetizou:

Com todos os outros [...] Cavafy [sic] partilhou o maior problema de ser-se um grego no nosso tempo: um herdeiro de uma cultura gloriosíssima e milenária, e que, mais do que nenhuma outra, é também um património da humanidade. O fascínio e a obsessão do passado grego, como Cultura e como História, são uma das principais fontes do seu pensamento poético. Mas, exilado na Alexandria das suas visões e das suas vagabundagens, onde se deixou viver por não saber viver noutro sítio, ele pôde, como quase nenhum dos outros libertar-se da dificuldade grega, já simbolicamente expressa nas duas grandes escolas românticas, de sonhar-se com a Grécia e viver nela...¹⁵⁴

¹⁵⁴ SENA, Jorge de: Prefácio in CAVAFY, Constantin: **90 e Mais Quatro Poemas**. p.20

Como toda interpretação de vestígios, a nossa não foi completa e tampouco poderia se furtar de fazer escolhas. Em todo caso, aventamos a hipótese: a história do Mundo Greco-Romano, meticulosamente reconstruída na obra de Kavafis, é a grande resposta que esse heleno, filho da Alexandria moderna, oferece a suas pungentes questões. Mais do que uma resposta é, sobretudo, uma busca; é nela que encontra a sua identidade. Por paradoxal que seja, muitas vezes já se disse, que é na busca do que há de mais particular que se atinge o universal. Nosso autor aí se inscreve, pois, tal aspecto íntimo faz com que participe de aspirações mais abrangentes – não dizemos maiores, em um julgamento de valor, pois o íntimo pode ser grandioso. Kavafis tinha especial consciência e atenção com o passado, ou, melhor dizendo, com os passados. A busca pela própria história é a busca da história das gentes de seu povo, sem que haja exclusão de um desejo, ainda mais geral, de conhecimentos válidos universalmente. Tal constatação nos leva ao nosso segundo plano: a vontade particular do poeta estende-se às searas da teoria da história; Kavafis refletira a respeito dessa no próprio fazer poético.

II) Aqui, ao atingir o segundo plano de nossa investigação, antes de mais nada, precisamos fazer uma importante observação: o universal em Kavafis não é algo abstrato; é um universal que, em leitura mais apressada, poderia ser confundido com o particular. Certa ocasião, Kavafis comparou seus poemas ao traje feito por um alfaiate:

Como o bom alfaiate que faz um traje que caia estupendamente em uma pessoa (talvez em duas); e um casaco pode cair bem em dois ou em três — assim também eu, meus poemas podem ajustar-se, *to fit*, a um caso (quicá a dois ou a três) -. A comparação é um pouco (somente em aparência) denigrante; porém creio que é feliz e consoladora. Se meus poemas não têm uma aplicação geral, a têm particular. E isso não é pouco. Têm garantida assim sua verdade.¹⁵⁵ (A tradução é nossa)

¹⁵⁵ “*Como un buen sastre que hace un traje que le sienta estupendamente a una persona (tal vez a dos); y un abrigo que pueda sentarles bien a dos o tres – así también yo, mis poemas pueden ajustarse, to fit, a un caso (quizá a dos o tres) -. La comparación es un poco (solo en apariencia) denigrante; pero creo que es feliz y consoladora. Si mis poemas no tienen una aplicación general, la tienen particular. Y esto no es poco. Tienen garantizada así su verdad.*” KAVAFIS: K. P. **Prosas**. Tradução de José García Vázquez e Horacio Silvestre Landrobe. p.66 e 67

O alfaiate poderia seguir à risca as medidas do seu cliente, mas nem por isso o traje seria exclusivo de quem o encomendara; poderia servir a outros indivíduos, que possuísem, aproximadamente, aquelas formas e tamanho. Em um primeiro momento, podemos pensar que esse comentário de Kavafis sobre sua poesia contraria o pensamento de Aristóteles, pois fala em “particular”. Mas trata-se de um particular que acaba por visar o universal, ele se dá na prática, não em um distante mundo das ideais de Platão; porque “para Aristóteles, o conhecimento é esse processo de abstração pelo qual o intelecto produz conceitos universais, que, ao contrario das idéias de Platão, não existe separadamente das coisas e do intelecto.”¹⁵⁶ A metáfora do alfaiate parece apontar para um universal que principia pelo exame do particular, das vastas possibilidades, que têm lugar na nossa realidade. A partir daí, retirá-íamos o que há de comum, através de uma reflexão produzida pelas faculdades intelectuais. Ora, isso não é contrário a Aristóteles, mas condiz perfeitamente com seu pensamento. Para o filho de Estagira só poderíamos saber que o remédio cura, pois a mesma substância ofereceu alívio, tanto aos males de Cálias, quanto aos de Sócrates, como ao de muitos outros. Assim nos explicou o filósofo:

Na realidade, porém, a ciência e arte vêm aos homens por intermédio da experiência, porque a experiência, como afirma Polos, e bem, criou a arte, e a in experiência, o acaso. E a arte aparece quando, de um complexo de noções experimentadas, se exprime um único juízo universal dos casos semelhantes. Com efeito, ter a noção de que Cálias, atingido de tal doença, tal remédio deu alívio, e a Sócrates também, e da mesma maneira, a outros tomados singularmente, é da experiência; mas julgar que tenha aliviado a todos os semelhantes, determinados segundo uma espécie, atingidos de tal doença, como fleumáticos, os biliosos ou os incomodados por febre ardente, isso é da arte.¹⁵⁷

Kavafis nos disse que a metáfora com o alfaiate “[...] é feliz e consoladora. Se [seus] poemas não têm uma aplicação geral, a têm particular. E isso não é pouco. Têm garantida assim sua verdade.”¹⁵⁸ Ousá-íamos dizer que o particular, ao qual faz referência o poeta, está mais próximo do platônico do que do aristotélico, visto que um particular que conduz à verdade, logo, nos conduziu ao conhecimento. Em um exercício de pensamento, poderíamos seguir a metáfora do alfaiate: ao finalizar a confecção do traje

¹⁵⁶ ABRÃO, Bernadette Siqueira (Org.): A História da Filosofia. p.56

¹⁵⁷ ARISTÓTELES: **Metafísica I**. p. 211

ou do agasalho, nosso alfaiate se daria conta que outras pessoas — além do cliente que lhe fizera a encomenda - poderiam vesti-lo sem maiores problemas. Em contrapartida, perceberia, também, que em muitos outros as roupas não cairiam bem; em tantos mais, ela nem sequer caberia. A partir dessa experiência, poderia tirar algumas conclusões, seguindo os passos do método de Aristóteles, a saber: nem todos os homens têm o mesmo tamanho, entretanto, possuem cabeça, tronco, braços e pernas. Se o alfaiate, com propensões filosóficas, prosseguisse com suas elucubrações, concluiria que existe uma média do tamanho humano: não existem homens que meçam cinquenta centímetros, tampouco três metros. Ao levar às últimas consequências a metáfora kavafiana do alfaiate, esperamos ter demonstrado que, para o poeta alexandrino, o processo da poesia relaciona-se com o caminho de idéias universais trilhados por Aristóteles. Vejamos, como prova dessa proximidade, tendo sempre em mente a metáfora do alfaiate, a descrição feita por J.V. Luce das etapas para o conhecimento, segundo o autor de *Metafísica*:

Para Aristóteles, uma criatura dotada de sensibilidade é capaz de perceber fatos particulares acerca dos objetos reais e é portanto capaz de distinguir aspectos do mundo exterior. Mas o espírito tem de entrar em cena se deve resultar conhecimento. Ele teria concordado com a observação de Kant de que “os sentidos sem pensamento são cegos”. Aquilo que percebemos deve ser guardado na memória para comparação com percepções futuras. Com base em uma massa de memórias similares, adquirimos experiência em certas situações perceptivas e somos capazes de fazer generalizações e predições a propósito do meio em que vivemos. Um “céu avermelhado de manhã” torna-se um “aviso ao pastor”. Aquela forma de certa maneira rudimentar de conhecimento chamado “sabedoria em relação ao tempo” é o resultado de um grande número de observações das quais inferimos uma regra geral.¹⁵⁹

Kavafis transforma a história em poesia e extrai dela algo de perene; a arte poética, em benefício da história, parece apontar para o sentido universal de ambas. É como se o poeta nos dissesse que o relato, por exemplo, da morte de Pompeu e da exposição de sua cabeça em uma bandeja, frente a um Júlio César horrorizado, não tem sua universalidade tão visível em forma de prosa, perdido na sucessão de extensa narrativa. O leitor não teria a percepção imediata que, aquilo que jaz diante de si, pode relacionar-se com a vida de qualquer um, independente de tempo ou posição social. Se, para Aristóteles, a poesia era mais universal do que a história, justamente, porque não tratava do particular, Kavafis parece reformular a maneira de perceber a história. Aristóteles escreveu que

¹⁵⁸ KAVAFIS, K.P.: **Prosas**. Tradução de José García Vázquez e Horacio Silvestre Landrobe. p.66 e 67

¹⁵⁹ LUCE, J. V.: **Curso de Filosofia Grega**. p.117 e 118.

a poesia enuncia verdades gerais, e em seguida definiu o que devemos entender por verdades gerais: “Enunciar verdades gerais é dizer que espécie de coisas um indivíduo de natureza tal vem a dizer ou fazer verossímil ou necessariamente; a isso visa a poesia ainda quando nomeia personagens.” Aristóteles continua, ao dar um exemplo de um acontecimento preciso: “relatar fatos particulares é contar o que Alcebiades fez ou que fizeram com ele.” Realmente, se nos detivermos no fato estrito e nos seus detalhes, não haverá pontes que nos levem para fora dele, para a outra margem, que se abre em direção a planícies e horizontes de perspectivas maiores. De tal forma, a História restringir-se-ia, unicamente, em contar algo que aconteceu em todos os seus detalhes. Mas acreditamos que Kavafis poderia argumentar: mas o que aconteceu com Alcebiades, em suas linhas gerais pode ser verossímil, pode ter ocorrido com outros em tempos e lugares distantes, e mesmo que não ocorresse com mais ninguém, poderia não deixar de ser verossímil; o que precisamos é desbastar o histórico do que há de adorno supérfluo e buscar a sua dimensão mais humana. As artes da poesia isentam a História das intempéries do tempo; lançam o relato para fora desse. Uma poesia sobre Alcebiades não é perecível, faz-se fora da narrativa do romance, por exemplo, onde presenciamos o correr da temporalidade. Kavafis usa o cinzel da poesia para desbastar a História.

Como pudemos ver, segundo Koselleck, a História passa a ser verdadeiramente não repetível, movimento sempre para frente e indomável, a partir de meados do século XVIII. Diríamos que há uma radicalização do particular, todo acontecimento histórico jamais poderia repetir-se e, *ipso facto*, de nada valeria daí tirar lições, porque a natureza humana e o futuro, a todo instante, modificam-se a assumir formas, por excelência, singulares. Não é esse o sentido que Kavafis empresta a sua visão de história. A partir dessa radicalização do particular, a cabeça de Pompeu, exposta na bandeja, não poderia estar próxima de nós, na casa de algum vizinho; Príamo e Hécuba não poderiam por nós chorar, e de nada serviria Manuel Comneno despojar seus trajes imperiais, “para termina[r] revestido de sua fé, humildemente”. Cada um desses gestos encerrar-se-ia no absoluto de seu particular, do seu específico e nada poderia indicar, além de um certo momento da irrefreável correnteza da História.

A história muitas vezes é percebida na sua dimensão política, mas Kavafis parece apontar para uma dimensão bastante relegada; a história é a grande saga da condição humana; feita de dramas, de homens e mulheres. Para finalizar esse ponto de nossa reflexão, diríamos que Kavafis responde a Aristóteles, fazendo uso - mesmo que não explicitamente - do processo do estagirita. Em uma concepção

de uma *historia magistra vitæ*, a história é tão universal quanto o é a poesia. Kavafis irmana, perfeitamente, ambas, tanto no ato de escrever versos, como no amor que devota por ambas. Mas quando Kavafis escreveu já se dissolvera o *topos* da *historia magistra vitae*, do qual nos fala Koselleck; não havia mais o exemplo, o *ktema*, das palavras de Tucídides. Por isso, Kavafis pode ser considerado um dos últimos refúgios da *historia magistra vitæ*.

Mas os velhos refúgios, como as velhas bibliotecas, podem conter antigas e surpreendentes revelações, que se manifestam nos espíritos mais inovadores, bem mais do que se descortina, muitas vezes, no suposto esplendor, do que se arvora em simplesmente novo. Foi no *topos* da *historia magistra vitæ* que Kavafis construiu a sua original obra. Para findar, talvez seja bom lembrar a visita que o escritor Marinetti fizera ao velho poeta de Alexandria, três anos antes da morte desse último. A conversa entre os dois nos é reportada por Lidell, a partir de Catraro:

Marinetti: “Também o senhor, Kavafis, é um futurista [...]. O senhor é um homem do passado, um Poeta, porém até certo ponto. Dou-me conta de que o senhor não sentiu a impressão da beleza das máquinas (dos automóveis, por exemplo) e que o senhor ainda usa verbos, vírgulas e pontos, além de desdenhar a luz elétrica. Tudo isso não possui grande importância. Formalmente, o senhor é um homem do passado, no entanto, a julgar pelo que pude descobrir em seus poemas, chego à conclusão de que o senhor é um futurista. Tem idéias universais, recria de modo perfeito e encantador velhos tempos em nosso próprio tempo; em suma, rompeu com o pútrido mundo poético do choroso romantismo do século XIX e com seus temas, que são bons para um realejo. Entendo-o ou haveria de estar equivocado?”

Kavafis: Sua idéia é, de verdade, admirável, amigo Marinetti. Entretanto parece-me que estou longe do futurismo.

Marinetti [...] Qualquer um que vá adiante do seu tempo, na arte ou na vida, é um futurista.¹⁶⁰ (A tradução é nossa)

¹⁶⁰ “**Marinetti:** También usted, Kavafis, es un futurista [...]. Usted es un hombre del pasado, un Poeta, pero hasta cierto punto. Me doy cuenta de que usted no ha sentido la impresión de la belleza de las máquinas (de los automóviles, por ejemplo) y de que usted todavía usa verbos y comas y puntos, además de desdenar la luz eléctrica. Todo no tiene gran importancia. Formalmente usted es un hombre del pasado, pero, a juzgar por lo que puedo descubrir en sus poemas, llego a la conclusión de que usted es un futurista. Tiene ideas universales, recrea de modo perfecto y encantador viejos tiempos en nuestro propio tiempo; en suma, ha roto con el podrido mundo poético del lagrimoso romanticismo del siglo XIX y con sus temas, que son buenos para un organillo.” // **Kavafis:** Su idea es en verdad admirable, amigo admirable, amigo Marinetti. Pero me parece a mí que yo estoy lejos del futurismo. // **Marinetti [...]** Cualquiera que vaya por

Poderíamos concluir: Talvez não se seja menos “futurista”, por ser, ao mesmo tempo, um Homem do passado.

Ita diis placuit